

ENTRE O CORPO POLÍTICO E O MÉDICO: ESTIGMA DA OBESIDADE E A CIRURGIA BARIÁTRICA - CASO THAÍS CARLA

Ester Rylander, Faculdade Adventista do Paraná.
Giovana Gabriela De Oliveira Branco Peralta, Faculdade Adventista do Paraná.
Gabriela Gomes Leão, Faculdade Adventista do Paraná.

Introdução

A obesidade é reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (2024) como um dos principais problemas de saúde pública do século XXI, apresentando crescimento constante em diferentes contextos socioculturais. Para além de suas repercussões físicas, trata-se de uma condição atravessada por fatores psicossociais complexos, entre os quais se destaca o estigma social associado ao corpo gordo. Historicamente construído e reforçado por padrões estéticos e culturais, esse estigma impacta significativamente a constituição subjetiva dos indivíduos, afetando sua autoestima, identidade e qualidade de vida.

Do ponto de vista psicológico, o estigma relacionado à obesidade pode se expressar por sentimentos de vergonha, ansiedade e isolamento social, frequentemente decorrentes de experiências de discriminação em diferentes contextos sociais, como ambientes familiares, escolares e profissionais. Tais vivências favorecem o desenvolvimento de sofrimento psíquico e estão associadas a processos de exclusão e desvalorização social (GULÁ et al., 2023; MARIANO, 2019).

O estigma do peso manifesta-se por meio de estereótipos negativos, preconceito e discriminação, sendo frequentemente sustentado por crenças de que pessoas gordas são preguiçosas, desmotivadas ou responsáveis por sua condição (GULÁ et al., 2023). Essas representações contribuem para a produção de desigualdades sociais e para a internalização de sentimentos de culpa e inadequação, intensificando o sofrimento psicológico e dificultando o engajamento em práticas de cuidado com a saúde.

Esse fenômeno não se distribui de maneira homogênea na sociedade. As mulheres tendem a ser mais afetadas por essas dinâmicas, uma vez que seus

corpos historicamente ocupam um lugar central nos processos de regulação social, sendo constantemente avaliados, normatizados e associados a padrões estéticos específicos. Nesse sentido, o estigma da obesidade, quando direcionado ao corpo feminino, articula-se às desigualdades de gênero, intensificando experiências de vigilância, julgamento moral e controle sobre o corpo.

As redes sociais contemporâneas ampliam a visibilidade desses processos, funcionando como espaços de produção e reprodução de discursos que reforçam padrões corporais e legitimam práticas de desqualificação. A exposição de figuras públicas, como a influenciadora Thaís Carla, evidencia como o corpo feminino gordo se torna alvo de disputas simbólicas, especialmente quando suas escolhas tensionam expectativas sociais relacionadas à saúde, à estética e à coerência discursiva.

Diante disso, torna-se fundamental analisar o estigma da obesidade como um fenômeno social atravessado por relações de poder e normas de gênero, compreendendo como esses elementos influenciam a construção, a percepção e a regulação dos corpos femininos na contemporaneidade.

Materiais e métodos

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, com base em levantamento bibliográfico e análise de dados empíricos provenientes de mídias digitais. O corpus foi composto por reportagens publicadas em veículos online entre 2020 e 2025, que abordam a trajetória da influenciadora Thaís Carla e sua decisão pela cirurgia bariátrica, bem como por comentários extraídos da rede social X (antigo Twitter), selecionados a partir de critérios de relevância e engajamento. A análise dos dados foi realizada por meio da Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2010), envolvendo as etapas de pré-análise, exploração do material e categorização temática. O estudo fundamenta-se, ainda, em referenciais teóricos sobre estigma da obesidade e suas implicações psicossociais, com ênfase nas relações entre corpo, discurso social e gênero.

Resultados e Discussão

A análise do corpus evidenciou que a decisão de Thaís Carla pela cirurgia bariátrica foi publicamente justificada a partir de três principais eixos: cuidado com a saúde, maternidade e transformação pessoal. Esses elementos foram organizados em categorias temáticas que indicam uma narrativa centrada na autonomia e no bem-estar, na qual a cirurgia é apresentada como uma escolha vinculada à qualidade de vida e ao desejo de acompanhar o crescimento das filhas.

Entretanto, as reações sociais observadas nas redes digitais revelam uma dinâmica distinta, marcada por forte polarização discursiva. Identificaram-se três tipos principais de respostas: críticas agressivas, críticas moderadas e manifestações de apoio. As críticas agressivas caracterizam-se pelo uso de linguagem ofensiva, desqualificação e desumanização do corpo da influenciadora, enquanto as críticas moderadas mobilizam discursos moralizantes sobre saúde, frequentemente associados à responsabilização individual pelo corpo (MARIANO, 2019). Já as manifestações de apoio enfatizam a autonomia corporal e o direito à mudança, ainda que em menor proporção.

A análise permite compreender que, mesmo diante de uma decisão fundamentada em aspectos pessoais, o estigma da obesidade não se dissipa com a transformação corporal, mas se reconfigura, mantendo-se ativo nas formas de controle e regulação do corpo (GULÁ et al., 2023). Esse processo evidencia que a estigmatização ultrapassa a dimensão física, operando como um mecanismo social de produção de desigualdades e exclusões.

Sob a perspectiva de gênero, observa-se que tais discursos operam como mecanismos de controle social sobre o corpo feminino, reforçando expectativas normativas acerca da aparência, da saúde e da coerência moral. Conforme aponta Saffioti (2004), as relações de gênero estruturam-se a partir de relações de poder que historicamente regulam os corpos das mulheres, atribuindo-lhes maior vigilância e controle social. Nesse sentido, a exigência de alinhamento entre discurso e prática, fortemente direcionada à influenciadora, revela uma

cobrança social mais intensa sobre mulheres, especialmente aquelas que ocupam posições de visibilidade pública.

Os dados indicam que o ambiente digital funciona como um espaço privilegiado de reprodução de estigmas, no qual a violência simbólica se manifesta por meio de discursos que naturalizam a desqualificação e a inferiorização de corpos que fogem ao padrão estético dominante (GULÁ et al., 2023). Assim, o corpo feminino gordo configura-se como um território de disputa simbólica, atravessado por relações de poder, normas sociais e processos de exclusão, nos quais o julgamento persiste independentemente das transformações corporais realizadas.

Considerações finais

Os resultados deste estudo evidenciam que o estigma da obesidade ultrapassa a dimensão biomédica, configurando-se como um fenômeno social e simbólico que produz impactos significativos na vida dos indivíduos, especialmente das mulheres. A análise do caso de Thaís Carla demonstrou que, mesmo quando as decisões corporais são justificadas por aspectos relacionados à saúde, à maternidade e ao bem-estar, o corpo feminino permanece submetido a intensos processos de julgamento, vigilância e regulação social.

As reações observadas nas redes sociais indicam que o estigma não se dissipa com a transformação corporal, mas se reconfigura, mantendo-se presente nas diferentes formas de controle e desqualificação. Esse cenário revela uma ambivalência social, na qual o corpo gordo é constantemente criticado, mas sua modificação também não garante aceitação, evidenciando a persistência de normas rígidas e contraditórias sobre o corpo feminino.

Sob a perspectiva de gênero, os dados reforçam que tais processos estão diretamente relacionados a relações de poder que historicamente regulam os corpos das mulheres, impondo padrões estéticos, morais e comportamentais (SAFFIOTI, 2004). Nesse sentido, o corpo feminino gordo configura-se como um espaço de disputa simbólica, no qual se articulam expectativas sociais, discursos normativos e práticas de exclusão.

Destaca-se a necessidade de ampliar o debate sobre obesidade para além da lógica individual e biomédica, incorporando perspectivas que considerem as dimensões sociais, culturais e de gênero envolvidas na construção e regulação dos corpos. Assim, torna-se fundamental promover reflexões que contribuam para o enfrentamento do estigma, a valorização da diversidade corporal e o respeito à autonomia dos sujeitos.

Referências

GULÁ, Paula Victoria Sozza Silva; SECAF, Camila Barillari; ALMEIDA, Sebastião de Sousa; COSTA, Telma Maria Braga; LAUS, Maria Fernanda. **Estigma do peso: conceito, consequências e ações de combate**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, 2023. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/966>. Acesso em: 19 ago. 2025.

MARIANO, Bárbara; ALVES, Francielle Lopes. **Da patologização do corpo gordo à cirurgia bariátrica: reflexões a partir do debate sobre gordofobia**. Trabalho de Conclusão de Residência. Universidade Federal de Santa Catarina. Residência Integrada Multiprofissional em Saúde. 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/203904>> Acesso em: 22 abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Obesity and overweight. 2024. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/obesity-and-overweight>. Acesso em: 21 mar. 2025.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.